

Rios de Experiência Musical: uma ferramenta metodológica para a pesquisa (auto)biográfica

GTE 08 – Educação Musical e Pesquisa (auto)biográfica

Comunicação

*Dyane Rosa
dyanerosa@gmail.com*

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar e discutir uma forma diferente de narrativa escrita, a ferramenta metodológica intitulada “Rios de Experiência Musical”, em que os participantes foram convidados a desenhar seu percurso formativo por meio do desenho de um rio. Esta ferramenta foi utilizada pela primeira vez em pesquisas na área de educação musical por Pamela Burnard (2000; 2004) e, posteriormente, por Kerchner (2006). A pesquisa de mestrado em que este artigo se baseia faz uso da pesquisa (auto)biográfica como metodologia, especificamente a pesquisa-formação. Os dados foram coletados por meio de entrevistas narrativas e da ferramenta metodológica “Rios de Experiência Musical”. Na prática, o exercício solicitado foi que os participantes desenhasssem sua trajetória de formação do cantar na forma de um rio, e evidenciassem em suas curvas os desafios e/ou pontos importantes deste percurso. Nesta comunicação apresenta-se o desenho e a análise da ferramenta do “Rio de experiência musical” utilizada pelos três participantes da pesquisa, são eles: David Toleto, Felipe Damato de Lacerda e Estevão Javela. Os resultados apontam esta ferramenta como uma forma diferente de narrativa escrita que permite a construção de uma síntese do processo formativo, como também ajuda a trazer uma visão de totalidade sob uma perspectiva diferente da narrativa oral e escrita tradicional.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado. Pesquisa (auto)biográfica. Rios de Experiência Musical. Formação. Canto.

Introdução

A pesquisa Biográfica, de acordo com Delory-Momberger (2012), nasce de uma questão central da antropologia social: Como os indivíduos se tornam indivíduos? Essa questão, convoca a relação que os indivíduos têm com as representações que faz dos outros e de si próprio, como também entre o indivíduo e a dimensão temporal de sua existência e de suas experiências. Essa metodologia tem como objetivo conhecer como os sujeitos dão forma a suas experiências, como fazem para dar significado aos acontecimentos e situações de sua existência, contribuindo assim para a produção da realidade social.

Para isso utiliza-se a narrativa, onde o indivíduo reescreve e ressignifica sua história, percebendo fatos que nunca havia analisado, dando significados diferentes aos

acontecimentos, além de outros movimentos que o fazem se formar durante sua narrativa. Portanto, “São as interações, as articulações, os equilíbrios, enquanto estabilidade provisória de um conjunto, que vão indicar-nos pistas de reflexão e sugerir-nos hipóteses quanto à maneira como se desenha, ao sabor de um dado percurso de vida, aquilo em que cada um se torna”. (DOMINICÉ, 2010, p. 195)

Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir uma forma diferente de narrativa escrita, a ferramenta metodológica chamada “Rios de Experiência Musical”¹, em que os participantes desenham seu percurso formativo de forma metafórica, usando o desenho de um rio.

Esta ferramenta foi utilizada em uma pesquisa de mestrado (DYANE, 2020) que teve como objetivo investigar a formação do cantar de estagiários de Licenciatura em Música. A questão que norteou a pesquisa foi: Como o licenciando narra sua formação do cantar e a relaciona com a prática docente durante o seu estágio curricular supervisionado?

Metodologia

Para responder esta questão de pesquisa, interessou-se conhecer as experiências com o canto antes e durante a graduação e, por isso, optou-se por licenciandos. Entre os licenciandos, a escolha recaiu sobre os estagiários, pois os mesmos se encontram na metade ou no final do curso e estão em contato direto com a realidade profissional e a reflexão sobre a prática docente. Os estagiários que participaram da pesquisa foram escolhidos por meio de questionários aplicados a todos os licenciandos que cursavam a disciplina de estágio curricular supervisionado no segundo semestre de 2019. Os requisitos para essa seleção foram: a) ter respondido a uma das questões do questionário que permitia o respondente afirmar que se identificava como professor de canto; b) disponibilidade e interesse em participar da pesquisa; c) disponibilidade de horários do estagiário e do pesquisador para a realização das entrevistas.

A metodologia escolhida foi a pesquisa (auto)biográfica mais especificamente a pesquisa-formação (Josso, 2002) e a coleta de dados foi feita por meio de entrevistas narrativas orais e a utilização da ferramenta metodológica “Rios de Experiência Musical”.

¹ “Rivers of Musical Experience”

Rios de Experiência Musical

O uso do diagrama de um rio em pesquisas na área de educação musical foi utilizado pela primeira vez por Pamela Burnard (2000; 2004) e, posteriormente, por Kerchner (2006).

Kerchner (2006), na intenção de desenvolver o pensamento reflexivo e as habilidades de ensino de professores formadores, mentores, estagiários e educadores de arte, descreve e discute a natureza de quatro ferramentas: “viagens fluviais, esculturas de metáforas, objetivos do portfólio e reflexões de ensino de vídeo” (p.123, tradução nossa). *River Journeys* ou viagens fluviais foi baseado no *critical incident charting* (gráfico de incidentes críticos, tradução nossa). Esse é o primeiro nome dado por Pamela Burnard para a ferramenta metodológica “Rios de Experiência Musical”.

Para colocar essa ferramenta em ação, chamada de *River Journeys* por Kerchner (2006, p.126, tradução nossa) o autor descreve: “Em um pedaço de papel em branco, há um desenho de um rio sinuoso. Em cada curva do rio, os alunos listam e/ou descrevem momentos cruciais em sua história musical que os levaram a seguir uma carreira em educação musical.”

Burnard (2012) investiga a aprendizagem musical por meio de narrativas e construção de rios com alunos, professores e acadêmicos de um curso de Licenciatura em Música. Neste texto Burnard usa o nome “Rios de Experiência Musical” e descreve sua origem.

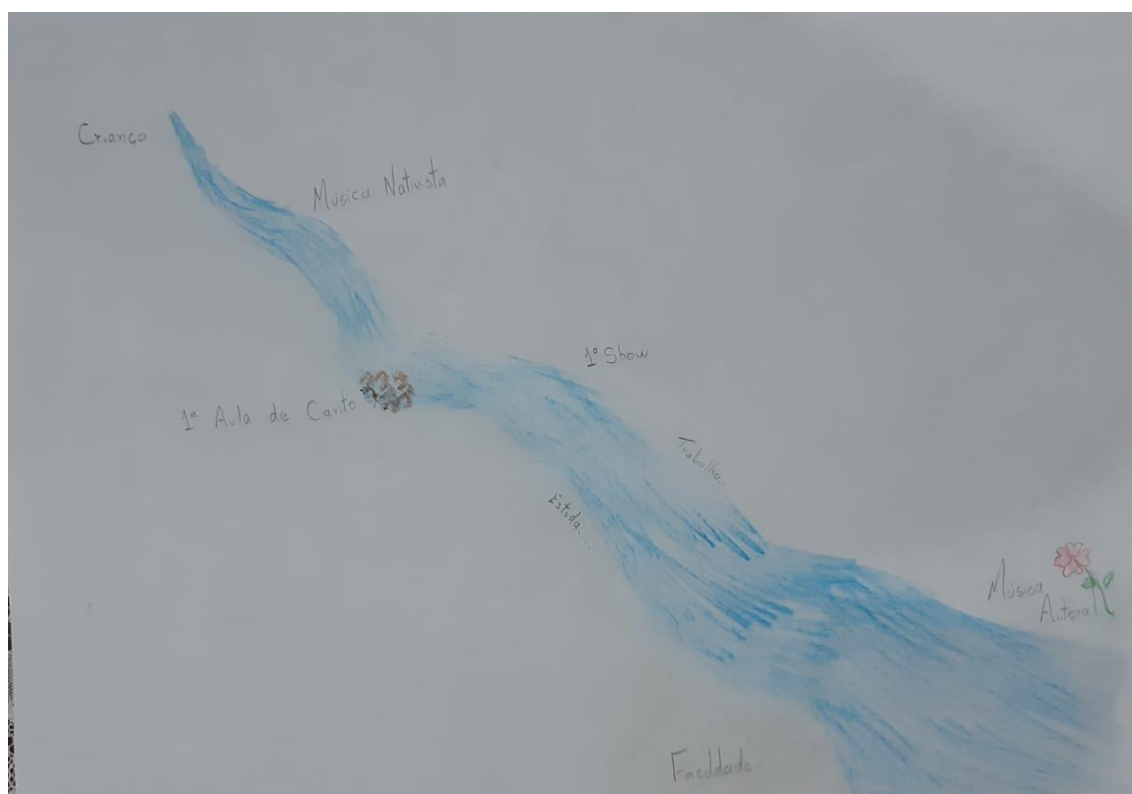
Essa ferramenta foi também chamada assim por Angela Taylor (2011). A pesquisadora fez o seu próprio rio antes de iniciar as entrevistas, realizando a mesma tarefa pedida aos participantes da pesquisa. Segundo ela, isso facilitou a coleta de dados, pois a fez entender o processo reflexivo e de autoavaliação que os participantes tiveram que fazer, como também suas dificuldades. E foi pensando como Taylor, que percebi o quanto colocar a ferramenta em prática antes de utilizá-la na pesquisa, fez toda a diferença no momento da entrevista.

Com seis artistas-pesquisadores envolvidos em práticas criativas, usando como coleta de dados entrevistas e grupos focais, juntamente com o desenvolvimento de uma ferramenta denominada como “*Creative River Journey*” (CRJ), Kylie J. Stevenson (2017) investiga como se dá a prática criativa de artistas-pesquisadores de pós-graduação. Com base em entrevistas detalhadas e mapeamento visual dos momentos críticos que ocorriam durante a prática criativa do artista por meio do desenho de um rio, mesmo modelo usado por Burnard (2004), os participantes documentaram nas curvas dos seus rios os momentos críticos de suas práticas.

O rio proposto para os participantes que apresento neste artigo foi adaptado ao exercício, inicialmente, proposto por Pamela Burnard e outros autores. Os estagiários fizeram o seu próprio diagrama a partir do seguinte enunciado: “Desenhe na forma de um rio sua formação do cantar, escrevendo nas curvas desse rio o que foi marcante/importante ou desafiante nesse percurso”. Essa adaptação foi feita pensando em deixar o participante livre para desenhar a forma do rio que/com a qual mais se identifica e que assim possa dar maiores indícios do que foi formador nesse período para ele, os seus “momentos-charneira”², como define Josso (2002). Também foi encorajado o desenho de outros elementos no rio, para deixar os graduandos à vontade para se colocar ainda mais no desenho.

Rio de David: “Um pouco do meu eu real”

Figura 1 - Foto do desenho elaborado por David Toledo



Fonte: Elaborado pelo entrevistado.

² Momentos em que o indivíduo se vê obrigado a escolher uma reorientação na sua maneira de pensar ou se comportar em seu ambiente. Muitas vezes, esses momentos são articulados por situações de conflito, acontecimentos socioculturais, mudanças drásticas ou relações humanas intensas. Portanto, “Nesses momentos-charneira, o sujeito confronta-se consigo mesmo.” (JOSSO, 2010, p. 70).

Logo no início do exercício, David questiona se poderia desenhar uma cachoeira. Interessante esta escolha porque representa nesse desenho um aumento da quantidade de água, ou seja, a cachoeira desemboca num rio. Com isso, pode-se fazer uma analogia da quantidade de conhecimento com o volume de água: no início, pouca água, representando uma nascente e, no fim, uma maior quantidade de água que desembocará em um rio que pode significar o conhecimento musical que foi adquirido com o passar dos anos.

David fez a nascente como sendo o “Eu criança”. Depois, na primeira curva trouxe a Música Nativista, uma influência de um gênero musical que foi marcante, pois sempre fez parte dele e sempre fará, segundo o entrevistado. A próxima curva do rio, onde se podem ver algumas pedras, refere-se à primeira aula de canto que o marcou por ser uma experiência frustrante. Interessante perceber que essa curva é a mais acentuada do seu rio. Isso mostra o quão forte foi essa frustração para David em seu percurso na formação do cantar. Depois, seu primeiro show como cantor no Teatro do SESC, na cidade onde morava. Percebe-se que o rio volta ao seu curso, com águas que vão ficando cada vez mais volumosas.

Seguindo o desenho, tem-se o trabalho e o estudo que ele foi adquirindo no meio do caminho para, então, chegar à universidade que foi representada por ele como sendo a “terra fértil”. O estudo e o trabalho são elementos que vão aumentando as águas desse rio, ou seja, aumentando o seu conhecimento e autoconhecimento. David pinta de verde acima da palavra “faculdade”, como se fosse uma grama para representar o “fértil”. O desenho da flor é a música autoral que nas palavras dele é “um pouco do meu eu real.”.

Por meio da narrativa de si, que ele exercita no seu desenho, David está redescobrando a si mesmo, percebendo o que o faz vibrar. O rio é a formação do seu cantar e essa água desemboca na sua realização pessoal. Ele percebe na construção do desenho para onde está indo. Se, segundo Passeggi (2016, p. 82), “O sujeito biográfico se constitui pois pela narrativa e na narrativa, na ação de pesquisar, de refletir e de narrar: como *ator, autor e agente social*” (p. 82), David nesta ocasião, construiu o seu sujeito biográfico (o sujeito do autoconhecimento) e se fez ator e autor da sua própria história.

Em seu desenho ele não destacou atividades docentes, mas, em sua narrativa oral cita muitas práticas como professor de violão, canto e como regente. Os destaques no rio foram para atuações dele enquanto músico. Por meio do desenho percebe-se o percurso de sua formação do cantar e os pontos que considerou mais importantes em sua caminhada.

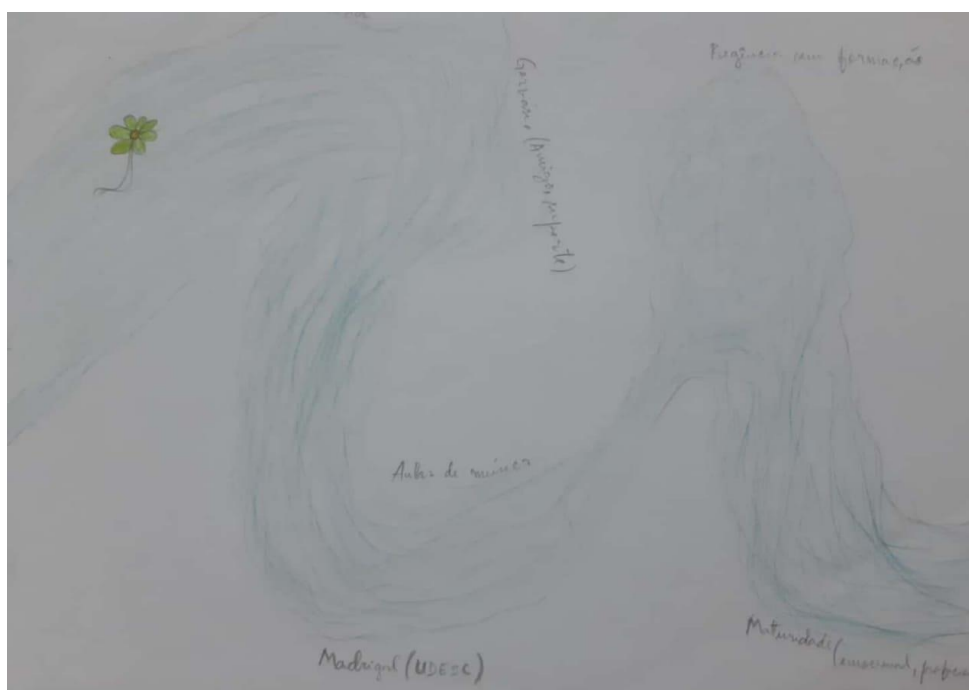
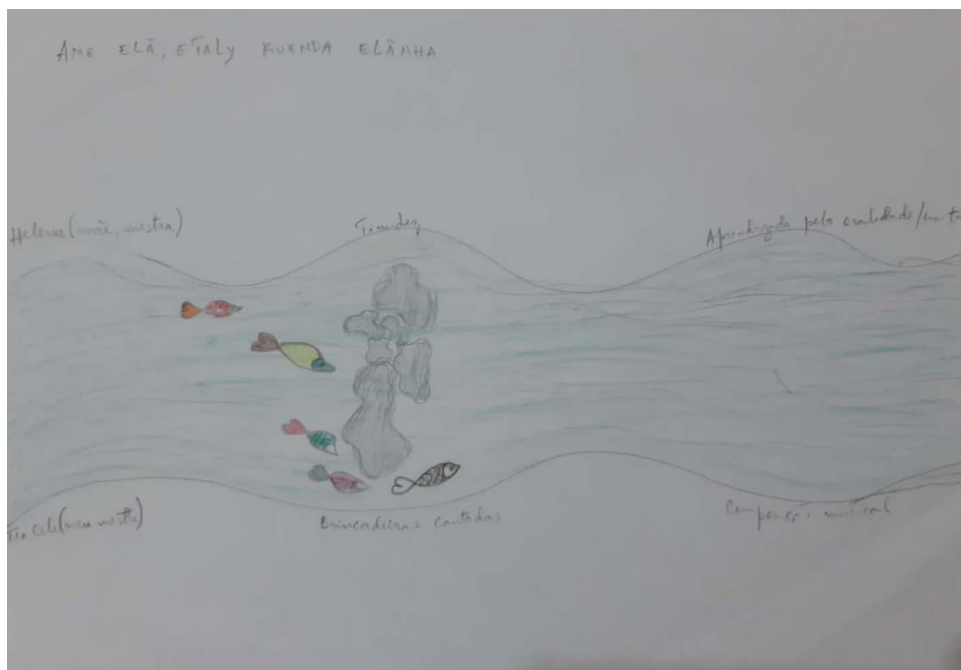
Analisando dessa forma, pode-se observar que David se vê mais como cantor do que como professor de canto, reafirmando a sua construção identitária.

A experiência do desenho do rio para David foi uma oportunidade de “olhar para si, olhar para o que passou... Um alívio, assim, por ver que isso pode continuar e ver que o agora é muito bom, que está acontecendo muita coisa bonita”. Portanto, a narrativa o fez olhar para si mesmo e analisar seu passado e seu presente e, conseqüentemente, a continuidade de seu processo de formação. Pelo exercício de representar visualmente a sua trajetória, ele viu o rio como algo que continua, sem um fim, ou seja, ele se viu em contínua formação e, dessa forma, como autor de sua autoformação, “acentuando a ideia de que ‘ninguém forma ninguém’ e que ‘a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos da vida” (NÓVOA, 2010, p. 167).

Rio de Estevão: “Ame elã etali kuenda elanhã”

Estevão é Angolano e o título que ele deu ao seu Rio, em seu dialeto traduz-se assim: “eu ontem, hoje e amanhã”. Desta forma, Estevão intitulou esse rio como sendo ele mesmo, por isso, pode-se deduzir que a formação do seu cantar fez parte de si, no seu ser interno e externo e o fará ontem, hoje e amanhã. Reafirmando o que o trabalho biográfico pode ter gerado ao participante da investigação, esse tipo de pesquisa “é, sem dúvida, um dos meios à nossa disposição para nos manter em contacto com a totalidade de si próprio e para evitar ser agitado pelos modos ou as prioridades estabelecidas por outros” (JOSSO, 2002, p. 102).

Figura 2 - Desenho do rio Ame elã etali kuenda elanhã



Fonte: Elaborado por Estevão Javela

Durante a construção do desenho, Estevão foi lembrando de experiências que passou com o canto e as narrou enquanto desenhava. No início, ficou bastante em dúvida sobre como fazer esse rio, pois estava preocupado por não saber desenhar a partir de um padrão estético específico. Aos poucos, foi se permitindo construir um percurso.

Estevão inicia o desenho usando as cores azul-claro e verde-claro para colorir, pois pensou em um rio de águas cristalinas, que significam a prosperidade do rio para os

Angolanos. Lembra de canções sobre rios que cantava quando criança, conta sobre os rios que existiam em Angola, os rios em que ele costumava nadar e relaciona esse exercício com algumas práticas de seu ensino, em que usa o rio como metáfora.

Estevão descreve que sua nascente é a sua mãe Helena e o Tio Cele, porque eles o influenciaram e o incentivaram a fazer trabalhos relacionados à música. Após a nascente, ele escreve a timidez que esteve presente na sua formação enquanto cantor e as brincadeiras cantadas da infância que fizeram parte da sua formação musical. Nesse ponto do Rio, ele desenha elementos, como pedras e peixes coloridos. As pedras representam o medo do abandono da família e das dificuldades que passou por conta da decisão de vir para o Brasil.

Os peixes desenhados, para Estevão, representam a força de vontade que contorna essas pedras e que contornou as dificuldades em seu caminho. É interessante perceber a diferença de cor dos peixes no desenho: aqueles que aparecem antes das pedras são coloridos e os que passam das pedras, ele não colore. Aqui pode-se perceber que houve realmente uma transformação com essa ruptura. Estevão se tornou outro “peixe” depois das pedras. Quando estimulado a perceber a forma como coloriu os peixes, ele concorda que é uma pessoa colorida em relação à sua bagagem cultural.

Continuando o percurso do rio, Estevão traz o aprendizado pela oralidade e imitação e a composição musical. Esse aprendizado pela oralidade e imitação correspondeu ao processo que ele fez e ainda faz para aprender a cantar o seu repertório preferido.

Depois, na segunda folha do desenho, começam a surgir as curvas maiores. Antes delas, Estevão desenha uma flor verde no meio do rio. Ele conta que a flor representa a sua humildade, que para ele é como um presente. Esse presente seria essa flor humilde, que nada mais é do que o desenho dele próprio. Aqui pode-se analisar como ele se representa. Nesse momento, tem-se o estímulo à procura por uma identidade pessoal, uma reflexão de como ele se vê e da forma como os outros o veem ou como gostaria que os outros o vissem.

Após a flor, tem-se a primeira grande curva, que representa a Licenciatura em Música. Mais à frente, está o amigo Gervásio, que deu a ele suporte para sua vinda ao Brasil. Na segunda grande curva, aparecem as aulas de música e o Madrigal da UDESC. As aulas de música representam as aulas que Estevão lecionava como professor, portanto, a docência se fez presente em seu rio. Isso demonstra como ele atribui importância à docência no seu percurso da formação do cantar.

A terceira grande curva é a regência sem formação que, segundo Estevão: “eu acho que acabou me formando”. Ele comenta sobre essa fase: “por conta dessas experiências, eu acabei decidindo me formar pra depois formar”. Analisando essas duas falas de Estevão, pode-se concluir que a regência dos grupos corais da Igreja foi, para ele, uma experiência autoformadora. Ele colocou essa informação um pouco antes da maturidade profissional, ou seja, essa autoformação profissional foi algo que o fez alcançar essa maturidade de forma efetiva. A autorformação, segundo Pineau (2010), é uma autolibertação dos determinismos cegos das estruturas sociais, que nos dizem que apenas a formação formal é a que vale, valorizando o objeto do diploma universitário. Nesse momento, Estevão quebra esse paradigma e percebe como formou-se antes de formar-se formalmente, e que se autoformou para depois formar os outros ao seu redor.

Outra reflexão feita com ele e para ele, foi no sentido de perceber como no desenho as curvas são diferentes: em algumas tem-se um volume maior de água, em outras, a estrada do rio é estreita. Estevão observa como depois da curva da Licenciatura em Música as águas ficam mais rasas (caminho mais estreito), o que ele relaciona ao fim da graduação, quando está construindo seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e não tem mais as inúmeras disciplinas, que para ele caracteriza um período mais calmo. Logo depois, Estevão percebe que existe um redemoinho que representou assim: “só poderia ser a próxima fase da minha formação, acho que tem bastante a ver com, de repente, o mestrado, ou então também a questão da minha atuação enquanto profissional...”

É importante observar que esse redemoinho apareceu antes da maturidade emocional e profissional e é onde se tem maior volume de água. Pode-se refletir que é quando Estevão está amadurecendo, trilhando o caminho do autoconhecimento para descobrir a si mesmo, a própria identidade, em que se encontram as águas mais agitadas do rio da vida. A importância do trabalho biográfico está em reconhecer e refletir como foi passar e vencer esses momentos de dificuldade, preparando-se, assim, para os outros redemoinhos que virão. Sem esse trabalho específico, “centrado nas tomadas de consciência de nossos ideais, nossas crenças, nossas convicções, etc., para as quais o trabalho biográfico sobre as histórias narradas de formação é uma das vias possíveis”, os indivíduos continuar-se-ão “profundamente prisioneiros de nossos destinos socioculturais e socio-históricos” (JOSSO, 2007, p. 436).

Rio do Felipe: Um desafio...

Figura 3 - Desenho do “Rio de Experiência Musical”



Fonte: elaborado por Felipe.

No início do exercício, Felipe comenta não ter habilidades com desenhos, mas, aos poucos, vai encontrando formas para iniciar a atividade. O rio, para ele, é algo que fascina. Ele conta que quando eu pedi a atividade, ele logo mentalizou o rio Amazonas. Além disso, Felipe encontra fotos de diversos rios na internet em seu celular para buscar analogias.

Ele então encontra o “meandro do rio” e usa-o para representar a sua volta à Licenciatura em Música, reforçando a ideia de desvio e não de retorno às origens, pois segundo ele, “nossa vida é cheia de idas e vindas, mas a gente nunca volta o mesmo, a gente volta mudado”. A partir dessa ideia, Felipe encontra o ponto de partida do seu desenho: a formação do cantar como um rio principal, ligado a vários afluentes que fortalecem este rio ou essa formação, desembocando no mar.

Depois de rascunhos descartados, Felipe conta o que aconteceu em seu rio da formação do cantar. O rio começa com uma nascente na infância, com experiências musicais ligadas à família, como as lembranças de sua tia cantando e as músicas que ouvia na

adolescência. Isso, para ele, não tem como ficar fora da formação do seu cantar, pois a escolha e a busca pelo canto começam neste momento.

O rio fica maior quando chega na Licenciatura. Logo após, existe uma bifurcação, que Felipe enfatiza não serem coisas separadas, a experiência com violão e a experiência com voz. Observam-se alguns afluentes que vão cruzar esses dois rumos. No rumo do violão ele teve aportes de afluentes tanto de oficinas de música quanto da docência e da pós-graduação. O rio do violão chega ao mar, que ele chama de “foz do violão”. Felipe diz que isso significa que, provavelmente, a história com o violão terminou, apesar de, frequentemente, estar presente como instrumento facilitador para seu trabalho com o canto. Os rios da voz e do violão vão receber vários afluentes que “engordam” o volume de água desse rio, que são: as aulas de canto que teve como cantor em alguns grupos corais; participação em oficinas de música; e, também a experiência com a docência e a Pós-graduação (Especialização).

No meandro à frente aparece um pouco de água represada que simboliza o problema de saúde que teve e todo o processo para sua recuperação. Ele diz que o impacto dessa doença será enfrentado para o resto de sua vida.

O afluente tortuoso, desenhado em zigue-zague, é o Mestrado. Ele conta que as curvas tortuosas representam as suas dificuldades na pós-graduação em música, seus conflitos e sofrimentos emocionais durante esse período. O retorno à Licenciatura é mais um afluente que vem contribuir com esse rio, aumentando o volume de água, ou seja, a experiência. O “futuro?”, escrito no final do seu rio, representa seu amanhã que está incerto. Ele não sabe até onde esse rio vai e nem planejou quais serão os novos afluentes e meandros.

Sobre as dificuldades durante o percurso, Felipe conta que “o rio está cravejado de pedras”. Ele diz que enfrentou momentos difíceis em todo o curso do rio, mas que o que foi mais dificultoso vem representado pela “densidade das minhas bolinhas marrons”. Percebe-se, então, que as bolinhas maiores e em maior número estão no meandro da doença que acometeu seus músculos da laringe e pescoço, ou seja, foi nesse momento em que as dificuldades, para ele, foram maiores e mais desafiadoras.

O exercício do rio para Felipe foi “um desafio, principalmente, em ter que expressar algo em uma linguagem que eu não domino.”. Felipe acrescenta que se trata de uma ferramenta que vai expressar coisas diferentes das demonstradas de forma falada ou escrita. Ele diz que, mesmo que tenha dificuldade, o indivíduo vai trazer ao pesquisador coisas diferentes e “nesse ponto tem um valor bastante grande como ferramenta, mas enquanto

pesquisado é bastante desconfortável”. Enfatiza que o construir o desenho ajudou-o a fazer uma síntese da sua história e, que para ele, “poder de síntese é tudo” porque a síntese é como um índice de um livro, onde “você vai poder abrir e desdobrar as experiências anteriores”.

Esta síntese feita por Felipe, o ajudou a reforçar o que ele diz que provavelmente vem sentindo há um tempo: “estou cansado de estudar formalmente”. Felipe quer encontrar outras experiências para viver, fora do estudo formal: “essa síntese ajudou a dizer que por enquanto tá satisfatório, diminuir a auto cobrança de que eu precise estudar mais e talvez estar aberto a outras oportunidades na vida”. O desenho do rio o fez pensar no que é mais essencial para ele no presente. Se não tivesse visualizado o caminho que já percorreu, Felipe poderia viver na ansiedade de buscar novos conhecimentos, sem perceber que essa busca não era o melhor caminho naquele momento. Esse cansaço só vem reforçar que ele está sentindo a necessidade de construir sua autoformação, ou seja, participar independentemente e ter sob seu controle os objetivos, os processos, os instrumentos e os resultados da própria formação. (VAILLANT; MARCELO, 2012).

Consideração Finais

Pensando nos participantes e no momento de prática desta ferramenta metodológica, o ponto em comum das falas é o quão desafiador foi a construção do desenho do rio. Apesar disso, os três a trazem como um exercício positivo, de ser uma forma didática de olhar sua história de formação por outras perspectivas.

David e Felipe têm o desenho do rio como um exercício de síntese. Portanto, a escrita do desenho e, de certa forma, a síntese de seu processo formativo por meio do rio, possibilitaram que eles tomassem consciência do que foi formador em suas trajetórias. Assim, permitindo que possam construir seu futuro, conscientes de que a formação não acaba, como afirma David: “todos fomos, somos e seremos eternos aprendizes”.

Estevão diz algo interessante sobre o momento da escrita do rio, quando apresenta sua narrativa desenhada. Segundo ele, acontece “a passagem do Estevão “narrador” para o Estevão “desenhador””, ou seja, foi um momento em que o fez “transformar a “palavra” em “escrita””. Assim ele deixa claro como a sua narrativa oral se transformou em narrativa escrita, considerando o desenho do rio como um registro escrito. Portanto essa é uma forma de

escrita narrativa, que pode ser explorada em outras áreas que utilizam a entrevista narrativa. Uma alternativa para trazer lembranças, sintetizar e descrever a história de vida.

Para mim, como pesquisadora em formação, o Rio teve uma importância imensa, pois além de que no decorrer da elaboração do desenho os participantes lembraram de coisas que antes não haviam narrado, eles puderam visualizar a sua história de forma artística e por uma outra perspectiva, sendo um desafio e, objeto de reflexão para os três estagiários. Compreendo a dificuldade e o “constrangimento” narrado por eles, pois o desenho não é uma linguagem que dominam, como acrescentou Estevão, foi um “processo complexo pra quem vem de uma cultura da oralidade”. Entretanto, esse desafio provocou reflexão e exigiu que saíssem da zona de conforto.

Se eu tivesse usado o diagrama do rio pronto, como em outros estudos, penso que, por um lado, as dificuldades não teriam surgido, mas, por outro, os desenhos não seriam tão representativos. O rio de David evidenciou a si mesmo como uma flor florescendo em terras férteis com a música autoral. Os peixes do Estevão não o teriam permitido perceber que as pedras encontradas no meio do caminho do seu rio, modificaram suas cores e, conseqüentemente, também o transformaram. No rio de Felipe, as curvas mais acentuadas e sinuosas, como os afluentes que desembocaram em outro lugar, não teriam ficado tão claras senão fosse por seu desenho. A sua percepção do todo não teria ocorrido de forma tão intensa.

Concluo, dessa forma, que o exercício dessa ferramenta foi válido e poderoso para a investigação da formação do cantar dos participantes, me auxiliando e auxiliando a reflexão de cada um deles. Como pesquisadora, enxergo a ferramenta metodológica “Rios de Experiência Musical” como um tipo de narrativa escrita, uma narrativa “desenhada” que se mostra disponível para pesquisadores aprofundarem seus estudos dentro da metodologia (auto)biográfica.

REFERÊNCIAS

BURNARD, Pamela. Using Critical Incident Charting for Reflecting Musical Learning. *In: The Mountain Lake Reader*. 2004. Vol. Spring, p. 7-13.

BURNARD, Pamela. Rethinking Creative Teaching and Teaching as Research: Mapping the Critical Phases That Mark Times of Change and Choosing as Learners and Teachers of Music. *Theory Into Practice*, n. 51:3, p. 167-178, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00405841.2012.690312>. Acesso em: 19 out. 2019.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, [s. l.], v. 17, n. 51, p. 523-740, 2012.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. *In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (org.). O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo/Natal: Paulus e EDUFRRN, 2010. cap. 3, p. 81-95.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: EDUCA, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*. Porto Alegre, RS, ano XXX, n. 3(63), p. 413-438, 2007.

KERCHNER, J. L. Tools For Developing Reflective Skills. *In: BURNARD, P.; HENNESSY, S. (ed.). Reflective Practice in Arts Education*. Springer: Netherlands, 2006, cap. 11, p. 123-136.

NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (org.). *O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo/Natal: Paulus e EDUFRRN, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, Joaçaba, v. 41, n.1, p. 67-86, jan./abr. 2016.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. *In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias (org.). O método (auto)biográfico e a formação*. São Paulo/Natal: Paulus e EDUFRRN, 2010. cap. 4, p. 99-118.

ROSA, Dyane. *Sentidos na formação do cantar: narrativas de estagiários de Licenciatura em Música*. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis, 2020.

STEVENSON, Kylie J. Mapping the Practice: Reimagining the Creative Process Through the Metaphor of the River. *In: BURNARD, Pamela; ROSS, Valerie; DRAGOVIC, Tatyana; POWELL, Kimberly; MINORS, Helen; MACKINLAY, Elizabeth. (ed.). Building Interdisciplinary and Intercultural Bridges: Where Practice Meets Research and Theory*. Cambridge, UK: BIBACC Publishing, p. 150-158, 2017. Disponível em:

https://www.educ.cam.ac.uk/networks/cian/Building%20Interdisciplinary%20and%20Interultral%20Bridges_compressed%20updated%20v_4.pdf³. Acesso em: 16 out. 2019.

TAYLOR, Angela. Continuity, change and mature musical identity construction: Using 'Rivers of Musical Experience' to trace the musical lives of six mature-age keyboard players. *British Journal of Music Education*, n. 28, 195–212, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0265051711000076>. Acesso em 09 out.2021.

VAILLANT, Denise.; MARCELO, Carlos. *Ensinando a ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem*. Curitiba: UTFPR, 2012.

³ Este é o link do livro em que o artigo está, pois não foi encontrado o link direto.